

DESAFIO REVOLUCIONÁRIO À IGREJA E À SOCIEDADE

O presente estudo foi a Conferência que o Dr. Richard Shaull pronunciou na Conferência Mundial de Igreja e Sociedade, em Genebra, julho de 1966. Suas referências a nomes e circunstâncias locais, assim como a textos dos volumes preparatórios da Conferência, foram mantidos, pois não prejudicam o texto e mantêm a unidade do trabalho. A sua divulgação se prende à necessidade de maior debate em torno dos problemas que o conhecido teólogo norte-americano tem levantado ultimamente, refletindo o pensamento e as preocupações de uma nova geração de teólogos.

Existência cristã — existência revolucionária.

Desde que o mundo começou a ganhar forma ao nosso redor, com o Renascimento e o Iluminismo, as igrejas do Ocidente dispuseram-se a ausentar-se das etapas da evolução humana, assumindo posição conservadora frente à transformação social. O pensamento ecumênico social procurou, através dos anos, ultrapassar essa fase e, com os preparativos para esta Conferência — além de tudo que aqui já se fez — é bem provável que possamos marcar posição significativa. Isso se evidencia pela atenção que se procurou dedicar às mais recentes conquistas das revoluções tecnológica e social, e pela presença entre nós de grande número de pessoas altamente comprometidas com elas: isso está igualmente demonstrado por uma substituição de ênfase em nossa reflexão teológica sobre os problemas sociais. No Volume I dos estudos preparatórios para esta Conferência, muitos dos colaboradores desenvolveram a tese de que o trabalho redentor de Deus na história, conforme expressam as doutrinas centrais da fé, nos chama a trabalhar pela transformação da sociedade; isto é, por uma nova ordem social. Para citar um exemplo, o professor Roger Mehl declara que "Deus em Cristo realizou todas as coisas novas e leva-nos a participar nessa transformação do mundo". A iminência do Reino de Deus não significa que o futuro está aberto, mas sobretudo que "o futuro está presente"; e o domínio de Cristo "rompe a ordem e a injustiça estabelecidas e chama-nos a tomar parte na grande renovação da história" (pp. 52/53).

O professor Wendland foi mais longe na determinação do significado e nas implicações dessa perspectiva escatológica, conduzindo-nos ao ponto onde somos forçados a reconhecer, para usar a frase de Arthur Rich, que a existência cristã é uma existência revolucionária, e que o serviço da igreja no mundo é ser a "precursora de toda reforma social" sem fazer exigência alguma para a cristandade ou desejar cristianizar a revolução. Compreendo que nem todos os teólogos aceitarão essa interpretação, mas, ao mesmo tempo, sinto-me obrigado teologicamente a sustentá-la e aplaudi-la. Noto aqui um indicio de esperança: os cristãos chamados a participar da luta revolucionária poderão retornar à comunidade cristã em busca de amparo teológico e moral.

Esta tarde, não obstante, eu gostaria de levar o debate um pouco mais longe. Uma nova geração de cristãos, em diversas partes do mundo, estão encarando com bastante seriedade essa responsabilidade revolucionária "pela grande renovação da história". Quando o fazem, são parte de um processo histórico dinâmico e deparam-se com um mundo estranho, novo e, amiúde, chocante. Em tal circunstância, alguns problemas são vistos diferentemente de como os vêem os demais, no que se refere sobretudo à forma específica que essas transformações poderiam atingir no futuro. As nossas alentadoras reflexões teológicas não ajudarão muito o novo revolucionário, a menos que estejam baseadas nessa concreta situação revolucionária e relacionadas com as perguntas que daí surgem. Nossa primeira tarefa teológica é dar esse passo.

Creio que isto significa o exame cuidadoso do que hoje envolve o advento da transformação social. Isto é, qual é a forma concreta da luta revolucionária. Sobre isto, eu gostaria de destacar três pontos como premissas para a discussão:

Desenvolvimento e Revolução.

1. O reconhecimento de que a tecnologia, por toda a sua carga revolucionária nas estruturas da sociedade moderna, abarcou até agora, nas suas etapas mais adiantadas, um sistema global de dominação e um *ethos*, que oferecem condições quase ilimitadas de preservação da ordem estabelecida. Uma das mais expressivas características da nova atitude revolucionária é a convicção de que todos que desejam obter uma significativa transformação da sociedade, estão contra um sistema global de poder e vêem-se impelidos a trabalhar por uma transformação profunda na direção e nas estruturas desse sistema. Essa conclusão, de um modo geral, é o resultado das experiências de pessoas que começaram por intentar pequenas reformas sociais e viram-se obrigados a uma posição mais radical. Está claro agora, nos países subdesenvolvidos, que o desenvolvimento não se trata apenas de uma simples questão de avanço tecnológico ou de industrialização, mas de uma transformação no complexo total de fatores que constituem a ordem feudal-colonial, como esclarecem os trabalhos do professor brasileiro Cândido Mendes de Almeida. Igualmente, os estudantes e os líderes dos pobres dos *ghettos* urbanos (favelas) dos Estados Unidos perceberam rapidamente que enfrentam situação idêntica no contexto urbano, e que não poderão solucionar seus problemas até que se produzam mudanças fundamentais em toda a estrutura. Nesse momento, a luta pelos direitos civis encaminha-se para nova etapa de radicalização, em parte como resultado de uma descoberta similar.

O fator novo mais importante em tudo isso é o conhecimento crescente de que o poder da ordem tecnológica estabelecida envolve e, em certo sentido, sustenta todos esses processos. Esta é a razão pela qual, nos últimos meses, o livro de Herbert Marcuse, *One-Dimensional Man*, provocou tamanho estardalhaço na atual geração estudiantil dos Estados Unidos. Demonstra que o avanço tecnológico, juntamente com o *ethos* ideológico que o acompanha, está produzindo um sistema

que tende a ser totalitário. O desenvolvimento das mais amplas unidades econômicas e políticas, junto com a integração das ordens econômica e política, criam uma sociedade na qual certas necessidades materiais de grande parte dos indivíduos são satisfeitas, embora estes não tenham a oportunidade efetiva de participar das decisões relativas ao seu próprio futuro. O sistema não apenas possui imenso poder, mas reduz à impotência as correntes que poderiam pressioná-lo constantemente visando à transformação social. Os trabalhadores *white collar* assim como os *blue collar* têm certo grau de satisfação com o sistema, e sentem mesmo inegável atração por ele. Os mais importantes partidos políticos não oferecem mais, em suas plataformas, projetos de mudanças fundamentais no que toca à estrutura e à direção do desenvolvimento social; e uma política de clientela trata de evitar qualquer conflito político mais profundo. Um poder compensatório existe, exceto onde poderia contradizer ou opor-se ao sistema global. O sistema é tão racional, na sua irracionalidade, que os possíveis opositores podem ser facilmente caracterizados como carentes de juízo e senso comum. Para Marcuse, esses desenvolvimentos nas esferas econômica e política são acompanhados por um rasgo de *secularidade* que reduz a ciência social à análise empírica das estruturas dadas, restringe o universo do raciocínio filosófico e elimina da cultura o crítico e transcendental poder que tivera até então. O resultado final pode ser uma existência unidimensional, sem vitalidade, criatividade ou estímulo; uma sociedade sem o menor poder de realizar sua renovação.

Não estou em condições de avaliar a tese de Marcuse. O fato que desejo assinalar é que um grande número de jovens de diferentes tradições culturais, sentem-se comprometidos com a edificação de uma sociedade mais justa e humana; foram conduzidos a uma situação na qual isto tem sentido para eles.

Ou melhor, estão convencidos de que a tecnologia pode contribuir, a longo prazo, para o bem-estar e a realização do homem, desde que colocada sob julgamento pela revolução e, dessa maneira, elegem-na como o único caminho a ser seguido no seu trabalho pelo futuro do homem. Mas ainda, é esse fato que gera uma identidade de perspectiva e propósitos entre os revolucionários das nações em desenvolvimento e uma minoria participante da sociedade tecnológica.